

Por trás dos bastidores (Uma obra a salvar?)

Tânia Quintiliano¹

Resumo

Nos anos 70, os primeiros grupos lacanianos brasileiros não engatinhavam ainda. 30 anos depois, o fenômeno do lacanismo anda pelo país inteiro, pela América Latina, pelo mundo, e pode rivalizar com as sociedades afiliadas à IPA, de onde Lacan foi banido. Depois de todas as rupturas, seguidas ou não de suturas, pode-se dizer que foi salva das águas a descoberta freudiana, naquilo que comporta de coragem e de verdade humana. Hoje, a briga pelo acesso à obra de Lacan atinge os tribunais. E agora?

A história da psicanálise na França não escapou a essa saga libidinal herdada dos tempos do seu criador e sobretudo depois da descoberta de Freud por Lacan, por intermédio dos surrealistas. No começo dos anos 70 eu participava, se não do primeiro, de um dos primeiros grupos lacanianos em formação no Brasil, que, aliás, morreu de morte natural. Nosso guru, saindo quentinho dos fornos parisienses, tinha aquele dom de um hermetismo impenetrável, que deixava cada um de nós mudo, entre o orgulho de aceder a uma elite do saber (mais que à psicanálise!) e a pesada impressão da própria miséria intelectual.

Chegando aqui me inscrevi quase imediatamente na Escola Freudiana de Paris. Lacan ainda estava vivo e a chama da escola cumpria sua missão: muitos ardores, salas superlotadas. De um lado, um ambiente simpático, absolutamente aberto para quem chegava. Senti-me realmente “acolhida”. Os analistas, em sessão, diferiam

da Associação oficial, afiliada à internacional, apenas por um tempo ligeiramente mais curto e tarifas claramente mais baratas, tornando a psicanálise acessível a todos, como pedia a vaga democrática do que se chamou, aqui, a “revolução de Maio 68”².

De outro lado, a escola, criada por Lacan em 1963, tempos áureos do estruturalismo, chegava num momento em que, duas vezes banido pela IPA³, sua doutrina circulava em todos os meios intelectuais da França e começava a ganhar o mundo. Aqui, filósofos, sociólogos, linguistas, escritores, toda a intelectualidade discutia com a psicanálise como num grande banquete platônico, em que anfiteatros ou revistas especializadas serviam de arena para animados debates de ideias.

Mesmo se nunca houve um “pensamento estruturalista” como tal, mas apenas leitores da compilação das conferências de Saussure⁴ (que alimentaram diversas ciências), esse movimento

¹ Psicanalista alagoana radicada na França e professora aposentada da Faculdade de Ciências Humanas em Paris.

² Os anos 60, que foram uma espécie de terremoto para o mundo inteiro, significaram, aqui, o momento de repensar o colonialismo (culminando com a guerra da Argélia!) e, ao mesmo tempo, por trás das barricadas de Maio de 68, toda uma estrutura social.

³ International Psychoanalytical Association

⁴ « Curso de linguística geral ».

encontrou na doutrina de Lacan um “lugar” central entre a intelectualidade e o meio estudantil (que começava a descreditar o que se chamava de “humanismo culpado” de Sartre). Foucault, por exemplo, considera que o ponto de ruptura é esse momento em que Lévi-Strauss, em relação às sociedades, e Lacan, em relação ao inconsciente, mostram que “o sentido” não passa de um efeito de superfície e que o que nos sustenta no tempo é o sistema. Althusser, por sua vez, encontra na doutrina lacaniana uma ferramenta para repensar o marxismo ao qual, segundo ele, faltava o Sujeito. O entusiasmo é tanto que ele abre para Lacan as portas da ENS⁵. Lacan, que começou seus seminários em sua própria casa⁶, em seguida no hospital onde trabalhava, tem, de repente, as portas abertas para o mundo.

Esse encontro, fundamental, lembra um pouco o do Pequeno Príncipe com a raposa. Lacan, considerado uma sumidade em clínica⁷, um “gênio” do inconsciente, era, segundo testemunhas, incapaz de manter relacionamentos sãos, de reconhecer seus verdadeiros amigos. Nos anos 70 é acusado de ganhar em quantidade, perdendo em qualidade (referência aos membros de sua escola e aos intelectuais capazes de um verdadeiro olhar crítico, de uma troca). Assim foi com Paul Ricoeur, com Jacques Derrida, encontros desencontrados que ia vivendo... por medo do Outro no outro, talvez... Um solitário cercado de gente por todos os lados.

O encontro dessa “ilha” com Althusser veio devagar, sem que o convidasse aos seus seminários, ao seu divã, ou tentasse modificar seu tratamento⁸. E resultou num salto gigantesco em que Lacan herdou de Althusser os alunos mais brilhantes das Universidades francesas, com abertura para o “Cahiers pour l’Analyse”, revista conceituada, grande salão para o confronto de grandes ideias em todas as áreas do saber. Para culminar, os alunos de Althusser foram convidados a fazer uma série de conferências sobre a doutrina lacaniana. Entre eles, Jacques-Alain Miller...

O jovem aluno de Althusser, com apenas 19 anos, tinha descoberto a filosofia em seu encontro com Sartre, aos 14 anos. Nada conhecia de Lacan, senão que entre ele e Sartre havia uma perspectiva comum, mas filosofias radicalmente opostas. Tendo trabalhado com seu colega Yves Douroux sobre a lógica simbólica moderna e lido os “Fundamentos da Aritmética” de Frege⁹, em Alemão, Miller corre às livrarias e percorre tudo o que se tinha publicado de e sobre Lacan. Considera que o Mestre tem um pensamento próprio, sem precisar passar pela referência freudiana. Lê Lacan sem Freud, (mas através de Frege), tentando mostrar a lógica interna de sua doutrina. (Aliás, quando comecei minha formação, fui confrontada a essa realidade: toda leitura passava pelos olhos do lacanismo a ponto de não se saber quem disse o quê.)

Lacan era considerado como aquele que, pelas vias do saber, lutava para dar à obra freudiana uma abertura

⁵ Escola Normal Superior, em que áreas de alto nível em ciências exatas e humanas formam as elites não só intelectuais, mas que se preparam para assumir as altas esferas do poder na França.

⁶ Ele sempre ensinou fora da escola, para não privar sua doutrina de trocas com outras disciplinas.

⁷ Ele e Françoise Dolto, também banida da IPA...

⁸ Uma pena, talvez, pois era excelente clínico. Althusser sofria do que na época se chamava « psicose maníaco-depressiva » e sabemos aonde isso o levou...

⁹ Fundador da lógica moderna ou matemática.

científica. Miller, por sua vez, descobre a importância da lógica fregeana para a teoria do Significante. A chave para “liberar a psicanálise”, permitindo que se tornasse inteiramente uma ciência. Frege procurava, justamente, a essência da linguagem, ou seja, uma língua liberada do fluxo natural, que não funcionasse como representação do pensamento, mas como uma escrita essencial para fundar a representação. Uma língua ideográfica, livre de qualquer intuição. Essa língua, “matemática”, garantiria a verdade formal, evitando, assim, as incertezas transmitidas pela linguagem. Eis, aí, a introdução do “matema”: aquilo que se transmite.

Sabemos o quanto a transmissão da psicanálise foi problemática para Lacan, levando de cisões à dissolução da escola. Ao contrário do que se pensa, para ele o analista que se autoriza por si mesmo precisa provar que é capaz, se deseja fazer parte de sua escola. Que ele se autorize, mas... que preste contas do ato que instaura. Esse “prestar contas” era um verdadeiro ritual de passagem em torno do qual se derramou muita tinta e mesmo sangue: uma analista, já confirmada, não suportando o que se chamava o ritual da “Passe”¹⁰, suicidou-se. Coisa que pode acontecer em qualquer instituição, por mais terrível que seja. Mas a Escola Freudiana era alvo de muita rivalidade e dos olhares da imprensa, além de ser aberta a um grande público.

Já em 1953, antes da cisão da SPP¹¹, um grupo de analistas fundou com Lacan o “Instituto de psicanálise”, para repensar a formação de analistas e mesmo obter

dos poderes públicos o reconhecimento da profissão, sem excluir a ideia de um diploma. Aliás, ele sempre quis o reconhecimento, também, da análise leiga, problema que se arrasta desde os tempos de Freud, que, em 1926, defendeu Reik, processado por charlatanismo. Freud disse claramente que a psicanálise nada tinha a ver com uma escola de medicina, que charlatão era aquele que, médico ou não, se instalava como psicanalista sem ter seguido uma formação, conforme os estatutos de sua Associação. Disse mesmo preferir os candidatos que vinham de ciências humanas. Mas o problema existe ainda hoje¹². E, nos tempos de Lacan, que procurava esse reconhecimento e a credibilidade da profissão, regou muitos dos tomates que lhe foram lançados. E Miller, com sua conferência, fundou a obra de sua própria vida.

Acusado por muitos de não citar suas fontes, como fez em muitas circunstâncias (quem não sabe que o “Estado do Espelho” – traduzido no Brasil por “estágio” – é um termo de Henri Wallon, que interessou vários filósofos e psicanalistas, como Mélanie Klein?!), Lacan nunca homenageou em público o jovem filósofo. Em compensação, nomeou Miller, a essa altura seu genro, casado com sua filha Judith, herdeiro universal de sua doutrina e de sua obra. E, claro, integrou a lógica fregeana ao seu próprio discurso, podendo, assim, formalizar a sutura na relação do Sujeito à cadeia Significante. Ou seja... entre o Saber e a Verdade, que ele perseguia, desde sempre, muito além da experiência cartesiana da dúvida... Ironias?

¹⁰ Nome (ambiguo...) do processo de passagem para tornar-se analista da escola.

¹¹ Sociedade Psicanalítica de Paris, afiliada à IPA.

¹² A análise leiga só é aceita por grupos não afiliados à IPA, não é reconhecida pelo seguro-saúde, médicos e psicólogos só são isentos das taxas aplicadas às profissões liberais se não se declaram psicanalistas....

Assim abre seu Seminário na ENS, “O Objeto da Psicanálise”, com uma conferência, em novembro de 1965, sobre “Ciência e Verdade” (publicada em *Cahiers pour l'Analyse*), em que utiliza o conceito de “sutura” (“o Sujeito ocupa o lugar da falta”) para a operação lógica de “refenda” na sua teoria.

Essa busca intensa do que pode servir à transmissão sofre, é claro, de contradições, afastando em muitos pontos a teoria da prática. Esse mesmo Lacan que vai fechando seu pensamento à medida que se dirige a um público de “sábios”, vai abrindo as portas de sua casa/consultório a uma não-ortodoxia sem limites. Todo mundo (aluno, filósofo, marginal, louco) podia entrar e sair, sempre bem recebido por sua “secretária” espanhola, mesmo se era só para pedir um conselho. E ele o dava, com muita paciência e sabedoria. Elisabeth Roudinesco mostra bem esse quadro, e, também, como podia agir como monarca absoluto para quem queria servi-lo. Embora ele mesmo tenha constituído a escola como legalmente democrática, tudo girava em torno de si mesmo, que forneceu doutrina, estatutos e se metia em todo o funcionamento administrativo.

Em 1969, finalmente, o projeto para a validação dos analistas de sua escola entra em vigor. Os conflitos internos provocam uma verdadeira hecatombe. Desta vez Lacan não é banido. É abandonado. Por vários companheiros de estrada, como Piera Augliani, que, com Jean-Paul Valabrega e François Perrier, fundam o Quatrième Groupe (a OLPF, chamado quarto grupo porque já existem três, na França: a SPP, a SPF e a EFP)¹³ Dizia-

se, inclusive, que Lacan começava a negligenciar seus verdadeiros amigos, aqueles que construíram o caminho com ele e que produziram vários textos inspirados em seu pensamento (como Françoise Dolto, Octave et Maud Mannoni, Moustapha Safouan e tantos outros...), para ouvir uma quarta e quinta geração de analistas, muitos deles alunos da ENS ou saídos das trincheiras de “Mai 68” para se inscreverem em sua escola. Não eram verdadeiros interlocutores; alguns eram mais... “torcedores”.

Logo que cheguei, além de me inscrever na EFP, fui também diretamente à Universidade de Paris VIII, na época situada em Vincennes, uma pérola no meio do bosque. Lindo quando se cobria de neve. A UER¹⁴ de Psicanálise era dirigida por Jacques-Alain Miller, de volta das trincheiras estudantis. Criada no outono de 68, em 1º de janeiro de 69 abriu suas portas como centro universitário experimental, especializado em “Ciências da Cultura”, cobrando uma abertura do ensino às exigências políticas e sociais de uma nova concepção de mundo. Sem entrar no mérito da questão, ao chegar à Universidade, vi, em letras garrafais, sobre um dos muros, a “sentença”:

Deus morreu, Marx morreu e eu... não me sinto muito bem...

Claro, é uma tirada de Woody Allen, mas refletia bem o clima que viria alguns anos mais tarde. Nesse instante o soco foi guardado no bolso. A realidade era ainda florida. O que se passava atrás das cortinas da escola

¹³ OLPF – Organisation psychanalytique de langue française; SPP – Société Psychanalytique de Paris; SPF – Société psychanalytique de France; EFP – Ecole Freudienne de Paris.

¹⁴ Unidade de Ensino e de Pesquisa (« recherche »), equivalente a « faculdade ».

os alunos recém-chegados não viam e a imprensa hostil era considerada apenas como burguesa e reacionária. Os cursos eram bem interessantes. Miller brilhava com seu ensino de temas como “O Sujeito suposto Saber”, “O Sujeito suposto Desejo”, que segui com o mesmo entusiasmo que os outros, a massa que enchia os anfiteatros... Os encontros, seminários, jornadas, colóquios, congressos continuam palcos de discussões ainda bem animadas. Muita gente, de outras escolas, participava dos debates, como Conrad Stein, da SPP, que enfrentava os mestres de pé, apontando o dedo na frente de todo mundo, mas que mostrava uma franca simpatia pelas ideias que circulavam, ou melhor, pela forma dessa circulação... Não é sem razão que se afirma que a escola e a universidade que divulgaram a doutrina de Lacan foram verdadeiros laboratórios de psicanálise.

Continuava, portanto, o problema da formação com suas batalhas internas e uma evidente hostilidade a Miller, acusado de “arranjar”, de “racionalizar”, de tentar esclarecer demais a doutrina lacaniana, a ponto de pervertê-la. E também de se meter a falar da “Coisa” sem sequer ter passado pelo divã. Isso enquanto ele mesmo acusava os outros de incompetência teórica. Serge Leclair era o único que o enfrentava ao nível das ideias: em vez de criticar sua falta de formação, discutia no terreno teórico. Os adversários nunca compreenderam que alguns membros da escola pudessem aceitar o fato de que, para servir à sua própria “política”, como diziam, ele tivesse resolvido fazer uma análise. Em que divã? O de Charles Melman!

Melman, de origem judia polonesa e comunista, como muitos da sua geração, era um dos mais, se não o mais brilhante dos discípulos de Lacan. Tendo preparado seu internato em psiquiatria com Jean Laplanche e sendo analisado pelo próprio Mestre, era o mais autêntico representante da corrente ortodoxa e fazia parte do grupo chamado “a banda¹⁵ de Möebius”, com Simatos e Dumézil. No meio de todas as querelas, continuava fiel a Lacan e aos ideais teóricos do dogmatismo. E continua tentando trabalhar sobre a Topologia que obcecou Lacan até o fim da sua vida.

Com tanto conflito no seio da escola, muitos fiéis se “infidelizaram” e o Mestre parecia ainda mais obcecado com a procura daquilo que tornaria “a descoberta freudiana” definitivamente científica. Passava seu tempo, mesmo durante as sessões, manipulando o nó boromeano entre um recorte e outro da faixa de Möebius, às vezes andando pela sala, entre os círculos do RSI¹⁶ pairando como assombrações. As sessões podiam custar caro, sem passar de um minuto, sobretudo para aqueles que usavam seu divã só para dizer “fiz análise com Lacan”. (Outros, podia guardar uma hora sem cobrar...)

E o incêndio continuava e vários analistas começavam a descobrir, com um bom atraso em relação a outras escolas, o interesse de doutrinas como a de Winnicott (contribuição do Quatrième Groupe e de Joyce McDougall, que fez análise com ele) ou de Ferenczi... Enquanto isso, o clima de discussão e troca de ideias do começo da década ia cessando de existir. Existiam brigas. De poder mais que de ideias. Existiam artigos e

¹⁵ Em francês, « bande de Möebius »; « bande » significa « faixa » e « bando », « turma »...

¹⁶ Real, Simbólico, Imaginário...

livros difamatórios, que começavam a circular, chegando aos Seminários, onde um público ainda fantasiado de intelectual começava a se comover. As discussões teóricas pareciam, de mais em mais, acerto de contas. Tudo tão estranho que levei tempo para conhecer a verdade sobre um Seminário a que assisti (e que deveria ser o primeiro da programação de “Topologia e tempo”). Tempo que eu considerava ter perdido, nesse dia, tendo ido à Sorbonne para ver Lacan escrever, interminavelmente, equações num quadro-negro, sem dizer uma palavra, enquanto um bando de fanáticos anotava, com os gravadores em punho. Quando ele se afastou, apontou um erro e foi embora, prometendo num sussurro nos dar por escrito, “na próxima vez”. Eu me disse que, para mim, esta seria a última. E foi. Só bem mais tarde, quando li Elisabeth Roudinesco, com quem mais aprendi os bastidores dessas histórias, é que pude compreender o que se passou. Desde o acidente de carro que ele tinha sofrido com Pierre Soury, o jovem matemático que “fabricava” nós boromeanos com e para ele, vinha diminuindo. Isso, mais o câncer que não queria tratar, o clima da escola... Lacan tinha, literalmente, “perdido a voz” e se atrapalhou todo ao atar seus nós, com tanto nó para desatar. Atrás da imagem poderosa, aparecia um homem velho e cansado que, de alguma forma, começava sua despedida.

Em janeiro de 1979 Lacan assiste silencioso à discussão sobre o destino da escola. Segundo os que o frequentavam, já incapaz até de reconhecer os amigos, “escreveu” e assinou textos, entre eles aquele que fechava uma escola, abria outra, confiando, com

ela, a herança de sua obra publicada e a publicar a seu gênero. Houve muita guerra nessa substituição da EFP por aquela que se tornou a Ecole de la Cause freudienne, ficando até hoje no ar uma dúvida sobre a parte real de Lacan na sua criação, em janeiro de 1981, quando já se duvidava de sua lucidez. Melman, que por um tempo acreditou que Jacques-Alain Miller iria se dedicar à Universidade e às edições, áreas em que é inegavelmente um “ás”, ficando para ele o ensino, percebeu que não seria bem assim e terminou formando um grupo com outros analistas.

O CERF¹⁷, que mais tarde se transformou na Associação freudiana, é a única, entre inúmeras associações se reclamando herdeiras de Lacan, que milita ortodoxamente por sua doutrina, hoje sob a sigla “ALI” (Associação Lacaniana Internacional), em guerra permanente com a “Cause”, acusada de não divulgar sua herança, nem permitir a outros que divulguem a totalidade da obra de Lacan. Do núcleo Lacaniano saíram tantas associações, ainda existentes ou abortadas, que é difícil contar. Entre as mais “reconhecidas” e “abertas” estão o Espaço Analítico, criado por Maud Mannoni, e a SPF (Société de Psychanalyse Freudienne), por Patrick Guyomard, ambas resultantes da cisão do CFRP (Centro de estudos e pesquisas freudianas), que haviam criado juntos.

Impossível, aqui, entrar nos pormenores dessa imensa “briga”, que levou o grupo da “Associação dos Amigos de Jacques Lacan” aos tribunais, pedindo ao gênero-herdeiro para executar o que eles não têm o direito de fazer: liberar a obra de Lacan. Muitas

propostas são entregues a Jacques-Alain Miller, que, realmente, sozinho, não poderia executar esse imenso trabalho. A ALI já fez três visitas a Miller, com textos prontos para publicação e que circulam dentro da instituição, deixando-o livre para mexer como quiser, corrigir, contanto que publique; mas... difícil entender o que se passa. Não faço parte nem de um nem de outro desses grupos, que são os únicos a manter uma estrita fidelidade a Lacan, Miller espalhando escolas por todo o continente latino-americano e pelo mundo, os dois com muita força no Brasil. Mas... a publicação integral de Barthes, de Lévi-Strauss, de Foucault, de Derrida, de Deleuze está em circulação. Para quando o fim da briga e a liberação de Lacan? Por enquanto existe uma espécie de união de todos os grupos, até dos menos lacanianos e dos não-lacanianos, e anti-lacanianos, pelo acesso à obra. Será que minha geração chegará a vê-la editada?

Uma outra luta começa e de grande importância: salvar de novo a descoberta freudiana que Lacan repôs em circulação, desta vez ameaçada de forma diferente pelas consequências da globalização. O que importa no mundo atual é fazer rápido, e de forma rentável, a “normalização” do humano, através do gozo imediato daquilo que nem teve tempo de desejar. Criam-se cursos de “psicanálise” sem inconsciente, em que, ao cabo de dez aulas, o “terapeuta” está pronto para um “coach” que é uma espécie de trem da felicidade. E todos olham, ansiosos, na direção da América Latina, que, não tendo vivido as brigas de irmãos contra aquele que detém e retém a herança do Pai, conserva a abertura de um espírito jovem, pronto para a criação e para discussões

e encontros interdisciplinares, em que a psicanálise, com fôlego novo, pode se questionar e, quem sabe, evitar a adição, na ironia de Woody Allen, da morte simbólica de Freud.

Bibliografia consultada:

BARTHES, Roland. **Le degré zéro de l'écriture**. Paris: Seuil, 1953.

DERRIDA, Jacques. **La Carte postale**. De Socrate à Freud et au-delà. Paris: Flammarion, 1980.

DORMON, Marc. **Essais de topologie lacanienne**. Le discours Psychanalytique. (Editions de l'Association Freudienne). Paris, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Les mots et les choses**. Paris: Gallimard, 1966.

JALLEY, Emile. **La guerre de la Psychanalyse, 1 et 2**. Paris: L'Harmattan, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan, esquisse d'une vie, histoire d'un système de pensée**. Paris: Fayard, 1993.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Histoire de la Psychanalyse en France (La bataille de cent ans)**. Paris: Seuil. 1986.

Congrès et Journées. L'Expérience de la Passe. **Lettres de l'Ecole**, n°23 (bulletin intérieur de l'EFP), 1978.